

# PARTILHA

Rubem Braga

Os irmãos se separaram e então um diz assim:

“Você fique com o que quiser, eu não faço questão de nada; mas se você não se incomoda, eu queria levar essa rede. Você não gosta muito de rede, quem sempre deitava nela era eu.

O relógio da parede eu estou acostumado com ele, mas você precisa mais de relógio do que eu. O armário grande do quarto e essa mesa de canela e essa tralha de cozinha, e o guarda-comida também, tudo isso é seu.

O retrato de nossa irmã você fica com ele também; deixa comigo o de mãe, pois foi a mim que ela deu: você tinha aquele dela de chapéu, e você perdeu. O tinteiro de pai é seu; você escreve mais carta; e até que escreve bonito, você sabe que eu li sua carta para Julia.

Essas linhas e chumbadas, o puçá e a tarrafa, tudo fica sendo seu; você não sabe nem empatar um anzol, de maneira que para mim é mais fácil arrumar outro aparelho no dia em que eu quiser pescar.

Agora tem uma coisa, o canivete. Pensei que você tivesse jogado fora, mas ontem estava na sua gaveta e hoje eu acho que está no seu bolso, meu irmão.

Ah, isso eu faço questão, me dê esse canivete. O fogão e as cadeiras, a estante e as prateleiras, os dois vasos de enfeite, esse quadro e essa galola com a coleira e o alcapão, tudo isso é seu; mas o canivete é meu. Aliás essa gaiola fui eu que fiz com esse canivete me ajudando. Você não sabe lidar com canivete, você na sua vida nunca soube descascar uma laranja direito, mas para outras coisas você é bom. Eu sei que ele está no seu bolso.

Eu estou dizendo a você que tudo que tem nesta casa, menos o retrato de mãe — a re-

de mesmo eu não faço questão, embora eu goste mais de rede e fui sempre eu que consertei o punho, assim como sempre fui eu que consertei a caixa do banheiro e a pia do tanque, você não sabe nem mudar um fuzível, embora você saiba ganhar mais dinheiro do que eu; e também gastar mais do que eu; eu vi o presente que você deu para Julia, ela me mostrou, meu irmão; pois nem a rede eu faço questão, eu apenas acho direito ficar com o retrato da mãe, porque o outro você perdeu.

Me dê esse canivete, meu irmão. Eu quero guardar ele como recordação. Quem me perguntar porque eu gosto tanto desse canivete eu vou dizer: é porque é lembrança de meu irmão. Eu vou dizer: isso é lembrança de meu irmão que nunca soube lidar com um canivete, assim como de repente não soube mais lidar com seu próprio irmão. Ou então me dá vergonha de contar e eu digo assim: esse canivete é lembrança de um homem bebado que antigamente era meu amigo, como se fosse um irmão. Eu estarei dizendo a verdade, porque eu acho que você nunca foi meu irmão.

Eu sou mais velho que você, sou mais velho pouca coisa mas sou mais velho, de maneira que posso dar um conselho: você nunca mais na sua vida, nunca mais puxe canivete para um homem; canivete é serventia de homem mas é arma de menino, meu irmão. Quando você estiver contrariado com um homem você dê um tiro nele com sua garrucha; pode até matar à traição; nós todos nascemos para morrer. De maneira que se você morresse agora não tinha importância; mas eu não estou pensando em matar você não. Se eu matasse estava certo, estava matando um inimigo; não seria como você que levantou a arma contra seu irmão.

Bom, mas veja em que condições você me dá esse canivete; um homem andar com uma coisa suja dessas no bolso; não há nada, eu vou limpar ele; nem para isso você presta; mas para outras coisas você é bom.

Agora fique sossegado, tudo o que tem aí é seu. Adeus, e seja feliz, meu irmão.”

2.5.51

B. A.

M 89 - 2.1.54

450